



GÊNERO

## FEMINISMO NEGRO DIASPÓRICO

**Sônia Beatriz dos Santos**

University of Texas at Austin/CRIOLA.

E-mail: soniabsantos@mail.utexas.edu

*Resumo: O presente artigo propõe-se a identificar e analisar os elementos comuns que conformam a organização social e política do que denominei "feminismo negro diaspórico". Neste sentido as experiências de opressão das mulheres negras – sobretudo aquelas produzidas a partir da interseccionalidade do racismo, do sexismo, do classismo e do heterossexismo – constituem-se em elementos centrais para o surgimento e organização dos distintos grupos pertencentes a esta vertente feminista.*

*Palavras-chave: feminismo negro diaspórico; mulheres negras; experiências das mulheres negras e opressão.*

O presente artigo pretende identificar e analisar os elementos que conformam a organização social e política do que denomino feminismo negro diaspórico e contribuir para um melhor entendimento acerca da presença e do papel das feministas afrodescendentes no que se refere às lutas de resistência negra no contexto da Diáspora Africana. Assim, em primeiro lugar, faz-se necessário definir o que entendo por feminismo negro diaspórico, termo que tenho utilizado em meus estudos para designar os diversos feminismos negros existentes na Diáspora. Na busca por definições, o ponto inicial de minha investigação baseou-se no que classifiquei como cinco distintas correntes representativas desta forma de feminismo, a saber, o Afro-Latino Americano, o Afro-Caribenho, o Afro-Americano, o Feminismo das negras britânicas e o Africano. Entretanto, chamo a atenção para a existência de outras correntes do feminismo negro diáspórico que não foram contempladas em minhas análises. A partir desses cinco exemplos, defino por feminismo negro diáspórico aqueles grupos cujas práticas políticas e intelectuais são produzidas e desenvolvidas por feministas e/ou ativistas afrodescendentes; e ainda, cujas práticas apresentem como característica marcante a propriedade de serem (ou terem sido) fundadas e forjadas a partir da articulação das categorias políticas de "raça", gênero, classe e sexualidade, em resposta ao sistema de dominação<sup>1</sup> que tem impactado as mulheres negras e que majoritariamente se caracteriza pela interseccionalidade do racismo, sexismo, classismo e heterossexismo. Assim, apesar das diferenças socioeconômicas,

<sup>1</sup> Utilizarei opressão e dominação como sinônimos para referir-me ao sistema de opressão que afeta as mulheres negras.



## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

políticas, culturais e geográficas, este diversificado grupo de mulheres negras tem apresentado como ponto em comum em suas análises políticas e teóricas a questão das múltiplas dimensões das experiências das mulheres negras com a opressão. A análise da feminista e intelectual negra dominicana Ochy Curiel (2003a) oferece-nos grande contribuição no que se refere às raízes dessa formação intelectual e política das mulheres afrodescendentes. Segundo a autora:

El movimiento de mujeres negras nace articulando “raza”, género, clase y sexualidad como categorías políticas para explicar las realidades de las mujeres negras frente al racismo, sexismo, clasismo y el heterosexismo. La política de identidad ha sido una de las estrategias prioritarias de los grupos y colectivos que se dedican a combatir estos sistemas de dominación. Consiste en una serie de acciones que buscan reafirmar una subjetividad contextualizada en los efectos de hechos históricos tales como la colonización y la esclavitud que hacen que el “ser negra” sea una situación desvalorizada, despreciada y muchas veces negada (p. 1).

A literatura produzida no campo político e acadêmico por feministas afrodescendentes tem enfatizado a centralidade da intersecção de “raça”, gênero, classe e sexualidade não só no que se refere à compreensão do *status* marginalizado e das drásticas condições de vida a que as mulheres negras encontram-se sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem tais circunstâncias. Segundo as feministas Jurema Werneck e Solange Dacach (2004), “as mulheres negras têm identificado que juntamente com o racismo, outras ideologias se colocam prejudicando o exercício delas de direitos de cidadania e o alcance das políticas públicas, tais como o sexismo e a lesbofobia” (p. 9). As autoras argumentam ainda que a interseccionalidade deve ser incorporada como um instrumento de análise para se compreender a ação dos distintos elementos que incorrem

sobre cada indivíduo, cada grupo, de modo a produzir as condições materiais, culturais e simbólicas em que vive ou vivem. Gênero, raça, orientação sexual, idade, condição e local de moradia (rural, urbana, o estado, a região, o país e o continente), a situação econômica ou muitos outros fatores influenciam de diferentes formas as vantagens e desvantagens em que vivemos (WERNECK; DACACH, 2004, p. 9).

Ainda segundo Werneck e Dacach (2004, p. 9)

a presença de fatores com forte carga de desvalor na vida das mulheres negras, tem como produto um quadro difícil, como por exemplo: (a) o fato das mulheres negras serem atingidas por graus diferenciados de violência e preconceito resultantes da presença do racismo, do sexismo e da pobreza que agem de forma associada; (b) fatores relacionados à vivência de orientação sexual diferente da heterossexual obrigatória; (c) e outros fatores que constituem identidades dos seres humanos.

O próximo passo desta discussão será a identificação dos elementos comuns que têm delineado a emergência e a construção das distintas vertentes do feminismo negro diaspórico. A exposição da mulher negra a simultâneas formas de opressão – especialmente racismo, sexismo, classismo e heterossexismo – que atuam

**12 Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-26, 2. sem. 2007**





## GÊNERO

Sônia Beatriz dos Santos

concomitante e interrelacionadamente, leva-nos a apontar para a centralidade da experiência de opressão destas mulheres enquanto o primeiro elemento comum que marca e orienta a tradição intelectual e política das feministas afrodescendentes. O debruçar sobre a análise das experiências das mulheres negras trouxe para a academia e para os movimentos sociais a necessidade de se discutir a interseccionalidade de “raça”, classe, gênero, e sexualidade enquanto pilares fundamentais de sustentação e reprodução do sistema de opressão que tem determinado o *status* e qualidade de vida das mulheres, o que pode ser observado por intermédio da produção teórica de inúmeras pesquisadoras dentro da Diáspora Africana, algumas das quais foram apresentadas em parágrafos anteriores.<sup>2</sup>

Intelectuais feministas afrodescendentes de diversas partes do mundo têm não só teorizado e conceitualizado a respeito das experiências das mulheres negras em relação às múltiplas formas de opressão a que este grupo está sujeito, como têm criticado a histórica ausência de uma abordagem teórica e metodológica – sobretudo dentro dos estudos feministas, das relações raciais, e disciplinas tradicionais das ciências humanas em geral – que enfoque as “múltiplas posições sociais”<sup>3</sup> ocupadas pelas mulheres negras. Posto isto, chamamos a atenção para o fato de que a relevância e o valor teórico, epistemológico e metodológico das análises que têm-se debruçado sobre as experiências de grupos marginalizados precisam ser reconhecidos integralmente. Em particular, enfatizo aqui quatro estudos, considerados marcos teóricos, no que se refere aos esforços para validar a experiência como recurso instrumental para a produção de conhecimento: Satya Mohanty (1997), Patricia Collins (2000), Combahee River Collective (1983), e Barbara Smith (1998).

O trabalho do especialista em teoria crítica Satya Mohanty (1997) trouxe grandes avanços para a utilização e aplicação do conceito de experiência na academia. O autor contribuiu para a validação da experiência como instrumento relevante na produção de conhecimento. Segundo Mohanty, para distinguir se uma experiência é válida como descrição da realidade social, devemos identificar se esta cumpre um papel epistemológico; ou seja, quando esta experiência nos ajuda a identificar o lugar do indivíduo na sociedade e a identificar o mundo. Assim, se a experiência de opressão das mulheres negras nos revela seu *status* na sociedade e suas condições de vida, e ainda por cima, nos ajudam a compreender as estruturas sociais em que a sociedade está assentada, então tais experiências cumprem um papel epistemológico, pois elas estão funcionando como indicadores sociais das relações entre os indivíduos (negros e não-negros, homens e mulheres etc.) vigentes naquela sociedade. E ainda em complemento, Mohanty afirma que a utilização dos dados históricos e da

<sup>2</sup> (Veja ainda os trabalhos de especialistas afrodescendentes como: Agnew (1996); Campbell (2003a, 2003b, 2005); Bolles (1996); Brewer (1993); Collins (2000); Christian (1985, 2000); Combahee River Collective (1983); Crenshaw (1995, 2000, 2002); George (2001); Curiel (2003a, 2003b); Hooks (1981, 1984); James (1997, 1999, 2000); King (1988); Lorde (1990); McClaurin (2001); Mikell (1997); Mirza (1997a, 1997b, 1997c); Nnaemeka (1998, 2003, 2005); Oyèrónké Oyewùmí (2003); Parmar (1997); Reddock (1998); Rufino (2002); Sant’anna (1998); Shakur (1987); Smith (1998); Sudbury (1998); Rusching e Terborg-Penn (1996); Xavier (2003, 2004); Walker (1983); Werneck (2000, 2003a, 2003b, 2005b, dentre outras).

<sup>3</sup> “multiple social locations”. (BREWER, 1993; COLLINS, 2000)





## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

economia política devem ser empregados em auxílio à validação da experiência enquanto conhecimento em nossas análises sociais. Assim, por exemplo, com o intuito de provar e validar que racismo e sexismo são experiências reais na vida cotidiana das mulheres negras, precisamos considerar os processos estruturais e históricos, os dados da economia política que mantêm, moldam e influenciam a experiência. Segundo Mohanty o conhecimento originado a partir da experiência é válido, mas esta precisa ser completada com os dados da realidade sócio-histórica, cultural, política e econômica. A feminista afro-americana Patricia Collins (2000) representa outro marco histórico no que se refere aos esforços para construir conhecimento a partir da experiência, em particular do ponto de vista das mulheres negras. Segundo a autora, “a experiência de vida como um critério de credibilidade é com frequência invocada pelas mulheres negras americanas quando estas demandam pelo reconhecimento do conhecimento que produzem” (COLLINS, 2000, p. 275).

Finalmente, as análises das especialistas afro-americanas de Combahee River Collective<sup>4</sup> (1983) e da afro-americana Barbara Smith (1998) são também extremamente relevantes do ponto de vista da discussão sobre as experiências de mulheres negras. Em especial estes dois trabalhos adicionaram a esta discussão a experiência das mulheres negras lésbicas, que, além de serem impactadas pelo racismo e pelo sexismo, são também afetadas pela lesbofobia<sup>5</sup>/homofobia. Ambos os trabalhos trazem para o campo dos estudos do feminismo negro norte-americano o processo de marginalização a que mulheres negras lésbicas são submetidas dentro e fora dos movimentos feministas, incluído em muitos casos o próprio movimento de mulheres negras, bem como das comunidades negras, movimento negro em geral, instituições e sociedade como um todo. Esses estudos chamam nossa atenção para a existência de níveis de exclusão que com frequência tornam-se difíceis de serem percebidos devido à predominância do heterossexismo, que é apontado nas análises das autoras de Combahee River Collective e de Barbara Smith como um poderoso sistema de opressão das mulheres negras independentemente de suas identidades sexuais. Assim, esses dois estudos chamam nossa atenção não só para a marginalização, para o silêncio e para a invisibilidade das experiências das mulheres negras produzidos pelo sistema de opressão a que estão submetidas, mas também essas análises apontam para a situação de mulheres negras lésbicas como vozes subjulgadas dentro do próprio movimento de mulheres negras, bem como do movimento de mulheres em geral.

Um segundo elemento importante que caracteriza a organização social e política dos grupos que compõem o feminismo negro diaspórico, corresponde ao conjunto de fatores que compõem o legado de lutas das mulheres negras contra a opressão. Tal legado refere-se ao fato de que, a o nascer, essas mulheres já encontram uma realidade preexistente, que é contínua, estrutural e histórica, condições estas que têm determinado os objetos de resistência das mulheres negras. Assim, a despeito das

<sup>4</sup> Coletivo de Mulheres Negras Americanas denominado Combahee River.

<sup>5</sup> Conceito atualmente utilizado por feministas para denominar a discriminação e a intolerância às mulheres lésbicas.





Sônia Beatriz dos Santos

diferenças entre as diversas temáticas abordadas pelos feminismos negros dentro da diáspora, a experiência de escrever como mulheres afrodescendentes a partir desses diferentes lugares é influenciada e caracterizada por quatro temáticas cruciais, e que têm se constituído enquanto herança dessas mulheres no confronto das formas de opressão, e que podem ser observadas nas distintas análises desenvolvidas por feministas negras representativas da diáspora situadas em várias partes do mundo, são estas:<sup>6</sup> "(1) o legado da luta contra o racismo, o sexismo, e a exploração de classe; (2) a busca por voz ou a recusa das mulheres negras em manter-se silenciadas; (3) a impossibilidade de separar a questão e a análise intelectual do ativismo político; (4) o empoderamento no contexto da vida cotidiana" (APPIAH; GATES Jr., 1999, p. 742).

A primeira temática nos traz a questão das mulheres afrodescendentes em relação ao modo como a raça, a classe, o gênero e a sexualidade delineam e impactam suas vidas. A luta contra o racismo, o sexismo, o classismo e o heterossexismo é um legado histórico e contínuo para mulheres negras em todo o mundo. O desenvolvimento de estratégias políticas e análises sociais que compreendam tal impacto tem sido uma das lutas cruciais para a sobrevivência das mulheres negras e de suas famílias.

O segundo tema, que se refere à luta para serem ouvidas e, por conseguinte, à ruptura com o silêncio, tem também sido um legado da luta das mulheres negras. Em seu artigo "*What do women know?... As I was saying!*" [O que as mulheres sabem?... Como eu estava dizendo!] a antropóloga ugandense Christine Obbo (1997) chamava a atenção para o modo como a voz das mulheres tem sido desvalorizada por especialistas masculinos em narrativas histórico culturais; segundo a autora, mesmo as especialistas nesse campo têm, com frequência, seus trabalhos encobertos pelas vozes da autoridade masculina (p. 43). As afro-americanas Patricia Collins (2000) e Rose Brewer (1993), dentre outras especialistas, argumentam que, objetivando a exploração das mulheres negras, grupos dominantes têm criado o que elas denominam "*controlling images*" ou estereótipos que projetam as mulheres negras em condições e *status* inferiores. A partir dos estudos da realidade das mulheres negras americanas, Collins (2000) afirma que, com o intuito de justificar e manter a opressão sobre a mulher negra, grupos dominantes produziram imagens tais quais a mãezona [the "mammy"], a matriarca [the "matriach"], a mãe dependente das políticas de "bem-estar social" [the "welfare mother"], e a prostituta [the "jezebel"]. A despeito do fato de que é necessário considerar diferenças de contextos socioculturais dentro da diáspora africana, podemos encontrar representações similares da mulher negra em outras partes do mundo. Esses estereótipos têm afetado cotidiana e historicamente

<sup>6</sup> Báez (2000); Bairos (1991, 1995, 1998, 2002); Bento (1995, 2002); Brewer (1993); Bolles (1996); Campbell (2003a, 2003b, 2005a, 2005b, 2005c); Carneiro (1985, 1995, 1999, 2000); Collins (2000); Christian (1985, 2000); Combahee River Collective (1983); Crenshaw (1995, 2000, 2002); Curiel (2003a); Danticat (1998, 2003); George (2001); Gonzalez (1982, 1988, 1995); Hooks (1981); Ifekwunigwe (1997); Iraci (2003, 2005a, 2005b); James (1997, 1999, 2000); King (1988); Lemos (1997); Lorde (1990); McClaurin (2001); Mirza (1997a, 1997b, 1997c); Nnaemeka (1998, 2003, 2005); Parmar (1997); Sant'anna (1998); Smith (1998); Sudbury (1998); Rusching e Terborg-Penn (1996); Xavier (2003, 2004); Walker (1983); Werneck (2000, 2003a, 2003b, 2005), entre outras.





## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

a vida das mulheres afrodescendentes e estão intrinsicamente conectados com suas experiências de opressão. Desse modo, o desafio das mulheres negras tem sido romper com o silêncio e confrontar tais representações negativas não apenas na sociedade como um todo, mas também dentro das comunidades negras, e entre as próprias mulheres negras que, em muitos casos, em contradição com sua situação de repressão, acabam por internalizar e auto-identificar-se com tais imagens estereotipadas. A luta dessas mulheres contra essa forma de dominação que as silencia e inferioriza constitui-se também em outro tema crucial da luta pela liberdade e pelo acesso a recursos e benefícios sociais, econômicos e políticos na sociedade.

A terceira temática, que diz respeito à “impossibilidade de separação entre a questão intelectual e o ativismo político” (APPIAH; GATES Jr., 1999, p. 742), é crucial para a questão da fundação da tradição intelectual das feministas negras. De modo geral, para as mulheres negras, pensamento e ação estão conectados entre si, e precisam ser desenvolvidos de forma dialética e reflexiva. Assim, historicamente, para as feministas negras “o pensamento e a ação, ou a teoria e a prática, constituem parte do mesmo processo” (APPIAH; GATES Jr., 1999, p. 742).

A quarta e última temática refere-se à prática do empoderamento associada à vida cotidiana; tenta-se demonstrar com esta afirmação que não há possibilidades reais de sucesso quanto à efetividade da luta das feministas negras e da transformação da realidade de opressão racial, de gênero, de classe e heterossexista, sem esforços para instrumentalizar as mulheres negras para atuarem e demandarem pelas suas próprias necessidades que não estejam fundados na dinâmica do dia a dia. Dessa forma, “o pensamento feminista negro compreende a opressão das mulheres negras e suas formas de resistência a esta enquanto aspectos inexoravelmente conectados” (APPIAH; GATES Jr., 1999, p. 742). Entretanto, como demonstraram Combahee River Collective (1983), Barbara Smith (1998) e outras análises, é importante enfatizar que, apesar da relevância do empoderamento de mulheres negras no sentido individual, é como coletividade que elas irão com sucesso “erradicar de forma permanente as desigualdades políticas, sociais e econômicas” (APPIAH; GATES Jr., 1999, p. 742). Essa quarta temática leva-nos a refletir sobre a relevância de análises que considerem as experiências das mulheres negras em relação a estratégias de conscientização, resistência e organização coletivas e políticas para o enfrentamento das formas de dominação que impactam suas vidas, tanto no cotidiano quanto num plano estrutural-institucional mais amplo.

Um último aspecto que gostaria de abordar, nesse esforço para identificar e analisar elementos comuns que configuram a organização social e política do feminismo negro diaspórico, refere-se à questão dos intercâmbios geográficos e políticos entre as várias vertentes do feminismo diaspórico. Nesse sentido, uma análise sobre a literatura teórica e de cunho político (declarações, documentos, manifestos, relatórios, entre outros) produzida pelas mulheres negras aponta para componentes-chaves que caracterizam a conformação desses grupos de feministas e/ou ativistas. Uma primeira característica refere-se ao fato de que, em geral, as teorias feministas

---

**16 Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-26, 2. sem. 2007**





## GÊNERO

Sônia Beatriz dos Santos

diaspóricas têm-se constituído e desenvolvido em muitas regiões, primeiramente fora da academia, mais especificamente junto às arenas do ativismo político. Uma outra característica referente a essas trocas geográficas e políticas diz respeito ao fato de que as feministas afrodescendentes têm desenvolvido e compartilhado conhecimentos e práticas sociais e políticas acerca das formas de opressão que afetam a vida das mulheres negras. Estes esquemas de intercâmbio têm sido utilizados como instrumentos políticos para galgar espaços e debates nos quais estas mulheres são tradicionalmente marginalizadas e invisibilizadas. Ainda neste sentido, outro aspecto crucial dessas trocas são as possibilidades de mobilidade/ deslocamento espacial e geográfico das mulheres afrodescendentes; sem tal mobilidade, esta dinâmica de trocas não poderia funcionar, ou funcionaria parcial e precariamente. Essas trocas geográficas e políticas são, em geral, organizadas por um número amplo e diversificado de irmandades (ou *sisterhoods*) de mulheres negras em nível local e global, tais como organizações não-governamentais, alianças e *networks*. E o elemento motivador dessas trocas tem sido o compartilhamento das experiências de opressão, e, em conseqüência, a discussão acerca de ações políticas que confrontem tais circunstâncias. Tal compartilhamento ocorre mutuamente em termos das trocas de tradições intelectuais e práticas feministas e ativistas; o que evidencia e corrobora com o que foi apontado anteriormente nesta análise acerca da idéia de que, para as feministas negras, pensamento e ação são elementos inseparáveis.

Outra característica importante que merece atenção diz respeito aos resultados, conquistas e contribuições gerados por esses intercâmbios geográficos e políticos entre os diversos grupos de feministas negras representativos da diáspora. A partir dessas possibilidades de trocas, as mulheres afrodescendentes têm construído e sustentado alianças e redes políticas, além de elaborar um espaço de confronto, crítica e análise de pensamentos e políticas a favor e contra mulheres, em especial as negras; neste sentido é importante ressaltar que a crítica ao Estado e ao capitalismo (neoliberalismo e globalização) tem sido tema central dos encontros; assim, estratégias de combate ao sistema de dominação são também objetos desse compartilhamento.<sup>7</sup> Tais aspectos podem ser evidenciados na reflexão da feminista costa riquenha Epsy Campbell [Barr] (2003) que faz referência a um relatório produzido em conjunto com outras feministas negras:

Las recomendaciones y las propuestas son el resultado de los hallazgos y planteamientos del documento en sí mismo y de la acción política y del conocimiento empírico de grupos de mujeres afrodescendientes y mujeres líderes vinculados a la Red de mujeres Afrocaribeñas y Afrolatinoamericanas (p. 4).

<sup>7</sup> Hetherington (1993); Ifekwunigwe (1997); Mikell (1997); Mindry (2001); Nnaemeka (1998, 2003, 2005); Oyewùmi (2003); Mirza (1997a, 1997b, 1997c); Parmar (1997); Patel (1997); Persram (1997); Phoenix (1997); Agnew (1996); Beckles (1998); Bolles (1996); Kincaid (2003); Mair (1996); Mohammed (1998); Reddock (1998); Alvarez et al. (2003); Báez (2000); Bairros (1991, 1998, 2002); Campbell (2003a, 2003b, 2005); Bento (2002); Blackwell; Naber (2002); Carneiro (1985, 1999); Conceição (1998); Consuelo (1998); Curiel (2003a, 2003b); Danticat (1994, 1998, 2003); Hooks et al. (2004); Iraci (2003); Xavier (2003, 2004); Werneck (2000, 2003a, 2003b, 2005); Young (1987).





## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

Dentre outros aspectos, o argumento de Campbell demonstra o quanto a experiência cotidiana e o trabalho coletivo são centrais no desenvolvimento e na organização do pensamento das feministas afrodescendentes. Segundo Collins (2000), “a experiência das mulheres negras funciona como um indicador social peculiar para analisar pontos de interseção entre múltiplas epistemologias, (p. 271)”. Entretanto, a aplicação da “experiência” enquanto instrumento de produção de conhecimento permanece desvalorizada ou subutilizada na maioria das disciplinas e mesmo no campo político como vimos. Essa falta de reconhecimento tem sido um desafio para feministas negras intelectuais por toda a diáspora africana. Tal realidade reflete os conflitos e obstáculos vivenciados por essas intelectuais negras, dentro e fora da academia, no que se refere a produzir conhecimento acerca das experiências da mulher negra em relação às questões raciais, de gênero, de classe e de sexualidade. Tais dificuldades refletem, ainda, o lugar marginalizado que mulheres negras têm ocupado na sociedade como um todo, e, nesse sentido, um número considerável de intelectuais afrodescendentes tem utilizado suas análises para desafiar a condição de invisibilidade e isolamento das mulheres negras, bem como o racismo e o sexismo institucionalizados (BOBO, 2001; BOLLES, 2001; CHRISTIAN, 1985,2000, 2001; CHRISMAN,1998; MCCLAURIN, 2001, entre outras).

Os intercâmbios têm-se constituído também em espaços de produção de genealogias feministas, uma grande contribuição no que se refere à emergência de irmandades negras no contexto diaspórico contemporâneo. Nesse sentido, meu interesse recai sobre os anos 1990, chegando até os dias atuais. A análise sobre o surgimento e o processo de formação dessas irmandades nesse período específico nos permite identificar semelhanças dos mecanismos atuais estruturantes do sistema de opressão que impactam as mulheres afrodescendentes, ainda que estas estejam separadas por fronteiras geográficas, socioculturais, econômicas e políticas. Esses mecanismos semelhantes revelam a existência de um fenômeno global no que se refere ao impacto de formas de dominação baseadas na “raça”, no gênero, na classe e na sexualidade que tem acompanhado a vida desse grupo de mulheres em diferentes partes do mundo. Tal constatação traz à tona a necessidade de se produzir estudos acerca de processos transnacionais no que tange à produção, à manutenção e à reprodução de sistemas de subordinação. Por exemplo, a utilização dessa estrutura de análise dos intercâmbios geográficos, políticos e socioculturais dessas mulheres permitiu-me investigar e comparar grupos feministas nos Estados Unidos, na África, na Inglaterra, no Caribe e na América Latina; esta análise possibilitou-me, ainda, identificar as características distintas desses grupos, bem como suas semelhanças, permitindo-me classificá-los como grupos pertencentes à diáspora africana. Mais do que simplesmente avaliar diferenças geográficas, este esquema comparativo constituiu-se num esforço para oferecer instrumentos teórico-metodológicos que auxiliem na análise de vertentes contemporâneas do feminismo afro-diaspórico.

Um exemplo significativo dessas possibilidades e contextos favoráveis ao surgimento das irmandades femininas são as Organizações não-Governamentais (ONGs) de mulheres negras. Sabemos, por intermédio de vários estudos de feministas ne-

---

**18 Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-26, 2. sem. 2007**







Sônia Beatriz dos Santos

gras, que, junto com outras formas de organização coletiva e política, as ONGs de mulheres negras têm exercido papel fundamental na sociedade contemporânea em várias regiões do mundo, criando estratégias de resistência para o confronto institucional e cotidiano das formas de dominação que afetam as mulheres e a população afrodescendente como um todo. No Brasil, as mulheres negras têm participado ativamente, desde o início, tanto do movimento feminista, quanto do movimento negro, entretanto, a partir dos anos 1980, elas decidem organizar-se separadamente e criar suas próprias estratégias de confronto das opressões racial e de gênero. As primeiras ONGs de mulheres negras surgem a partir dessas circunstâncias, e irão se multiplicar nos anos 1990.

Por fim, espero que esta análise contribua para uma melhor compreensão dos elementos comuns que caracterizam a organização social e política dos distintos grupos que compõem o feminismo negro diaspórico. Apesar de estarem separadas por fronteiras geográficas, socioculturais, econômicas e políticas, as mulheres afrodescendentes têm tido um papel secular e histórico de vanguarda no que se refere à sustentabilidade e à reorganização das estruturas socioculturais, econômicas e políticas acerca da população afrodescendente. É neste sentido que considero fundamental que intelectuais negras se apropriem do conceito de Diáspora Africana enquanto instrumento teórico e político que nos auxilie a pensar a presença dos afrodescendentes no mundo, sobretudo no que se refere às mulheres.

*Abstract: This article proposes to identify and analyze the common elements that configure the social and political organization of what I named as black diasporic feminism. In this regarding the black women's experiences of oppression – particularly the ones produced throughout the intersection of racism, sexism, classism and heterosexism – constitute essential elements to the emergency and organization of distinct groups of this feminist track.*

*Keywords: black diasporic feminism; black women; black women's experiences and oppression.*

*Recebido e aprovado para publicação em setembro de 2007.*

## REFERÊNCIAS

AGNEW, Vijay. *Resisting discrimination: women from Asia, Africa, and the Caribbean and the women's movement in Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 1996.

ALVAREZ, Sonia E. et al. Encountering Latin American and Caribbean feminisms. *Estudos Femeministas*, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 541-575, July/Dec. 2003.



## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

APPIAH, Kwame A.; GATES Jr., Henry L. *Africana: the encyclopedia of the african and african american experience*. [S.l.]: Basic Civitas Books, 1999.

BÁEZ, Josefina. *Dominicanish: a performance text*. New York: Graphic Art, 2000.

BAIRROS, Luiza. III Conferência Mundial contra o Racismo. *Revista Estudos Feministas*, [S.l.], v.10, n.1, p. 169-170, jan. 2002.

\_\_\_\_\_. Lembrando Lélia Gonzalez. Salvador: [s.n.], 1998.

\_\_\_\_\_. Mulher negra: o reforço da subordinação. In: LOVELL, Peggy. *Desigualdade racial no Brasil contemporâneo*. Belo Horizonte: MGSP, 1991.

\_\_\_\_\_. Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 458-463, 1995.

BECKLES, Hilary MCD. Historicizing slavery in west indian feminisms. *Feminist Review*, London, n. 59, p. 34-56, summer 1998.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *Estudos Feministas*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 479-488, 1995.

\_\_\_\_\_. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petropolis: Vozes, 2002.

BLACKWELL, Maylei; NABER, Nadine. Interseccionalidade em Uma Era de Globalização: as implicações da Conferência Mundial contra o Racismo para Práticas Feministas Transnacionais [Intersectionality in an era of Globalization: the implications of the U.N. World Conference against racism for transnational feminist practices]. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.189-198, jan. 2002.

BOBO, Jacqueline (Ed.). *Black feminist cultural criticism*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.

\_\_\_\_\_. Overview: foundations. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Black feminist cultural criticism*. Malden: Blackwell Publishers, 2001.

BOLLES, Lynn A. Anthropological research methods for the study of black women in the Caribbean. In: RUSHING, Andrea Benton; TERBORG-PENN, Rosalyn (Ed.). *Women in Africa and the african diaspora: a reader*. Washington: Howard University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Seeking the ancestors: forging a black feminist tradition in Anthropology. In: MCCLAURIN, Irma (Ed.). *Black feminist anthropology: theory, politics, praxis, and poetics*. [S.l.]: Rutgers University Press, 2001. p. 24-48.

BREWER, Rose M.. Theorizing race, class and gender: the new scholarship of black feminist intellectuals and Black women's labor. In: JAMES, Stanlie M.; BUSIA, Abena P.A. *Theorizing black feminisms: the visionary pragmatism of black women*. New York: Routledge, 1993.

CAMPBELL, Epsy. Black Parliament of the Americas. In: ENCUESTRO DE LEGISLADORES DE LAS AMÉRICAS Y EL CARIBE. 3., El Parlamento Negro de Las Américas, 2005, [S.l.]. Anais... [S.l.: s.n.], 2005a.

\_\_\_\_\_. Derechos sexuales y reproductivos de las mujeres afrodescendientes. In: ENCUESTRO DE LEGISLADORES DE LAS AMÉRICAS Y EL CARIBE. 3., El Parlamento

---

**20 Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-26, 2. sem. 2007**





Sônia Beatriz dos Santos

Negro de Las Américas, 2005, [S.I.]. Anais... [S.I.: s.n.], 2005b.

\_\_\_\_\_. *Discriminación racial*. Documento III FORO Ciudadanía Sexual. 2003b. Disponível em: < <http://agendadelasmujeres.com.ar/notadesplegada.php?id=91> >.

\_\_\_\_\_. Pobreza y exclusion de los pueblos y mujeres afrodescendientes: el impacto económico del racismo y sexismo sobre las mujeres afrodescendientes de América Latina y El Caribe. Trabajo presentado en seminário "Pobreza y Exclusion de los Pueblos y Mujeres Afrodescendientes"; "Reunión de Expertas de la CEPAL para la Construcción de indicadores de Género en el Análisis de la Pobreza". La Paz, Bolivia, 23 al 25 de setiembre 2003a.

\_\_\_\_\_. Las mujeres, la nueva política y el buen gobierno. In: ENCONTRO FEMINISTA LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 10., 2005, São Paulo. *Anais eletrônicos...* 2005c. Disponível em: <[www.10feminista.org.br/pt-br/node/115](http://www.10feminista.org.br/pt-br/node/115)>.

CARNEIRO, Sueli. Black women's identity in Brazil. In: REICHMANN, Rebecca (Ed.). *Race in contemporary Brazil: from indifference to inequality*. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Entrevista: Sueli Carneiro – Uma Guerreira contra o Racismo. *Revista Caros Amigos*, ano 3, n. 35, p. 24-29, fev. 2000.

\_\_\_\_\_. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, 2. sem. 1995.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher negra*. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condicao Feminina, 1985.

CHRISMAN, Laura. *Journeying to death: a critique of Paul Gilroy's the black atlantic*. *Crossings 2*, [S.I.], 1998. Open topic.

CHRISTIAN, Barbara. *Black feminist criticism: perspectives on black women writers*. New York: Pergamon, 1985.

\_\_\_\_\_. The Race for Theory. In: JAMES, Joy; SHARPLEY-WHITING, T. Denean (Ed.). *The black feminist reader*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2000.

\_\_\_\_\_. But what do we think we're doing anyway: the state of black feminist criticism(s) or my version of a little bit of history. In: BOBO, Jacqueline (Ed.). *Black feminist cultural criticism*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers Inc, 2001.

COLLINS, Patricia H. *Fighting words: black women and the search for justice*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

\_\_\_\_\_. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. In: HESSE-BIBER, Sharlene; GILMARTIN, Christina; LYDENBERG, Robin (Ed.). *Feminist approaches to theory and methodology: an interdisciplinary reader*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 2000.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. The combahee river collective statement. In: SMITH, B. (Ed.). *Home girls: a black feminist anthropology*. New York: Kitchen Table Press, 1983.



## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

CONCEIÇÃO, Benedita. Ser negra: consciência e ascensão Social. In: ÔRO OBÌRIN: Lélia Gonzalez: 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a Condição da Mulher Negra. Rio de Janeiro: Criola, 1998.

CONSUELO, Maria. Visibilidade e Valorização da mulher negra: uma abordagem comparada. In: ÔRO OBÌRIN: Lélia Gonzalez: 1º Prêmio Literário e Ensaístico sobre a Condição da Mulher Negra. Rio de Janeiro: Criola, 1998.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In: JAMES, Joy; SHARPLEY-WHITING, T. Denean (Ed.). *The black feminist reader*. Oxford, UK: Blackwell, 2000.

\_\_\_\_\_. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 171, 1 sem. 2002.

\_\_\_\_\_. Mapping the margins: intersectionality, identity, politics, and violence against women of color. In: CRENSHAW, Kimberle et al. (Ed.). *Critical race theory: key writings that formed the movement*. New York: The New Press, 1995.

CURIEL, Ochy. Identidades esencialistas o construccion de identidades politicas: el dilema de las feministas negras. *Journal Creatividad Feminista*, on-line, 2003a. Disponível em: <[www.creatividadfeminista.org/articulos/fem\\_2003\\_negras.htm](http://www.creatividadfeminista.org/articulos/fem_2003_negras.htm)>.

\_\_\_\_\_. La creación artística como política del lesbianismo feminista. *Journal Creatividad Feminista*, on-line, 2003b. Disponível em: <[www.creatividadfeminista.org/articulos/arte\\_2003\\_Ochy.htm](http://www.creatividadfeminista.org/articulos/arte_2003_Ochy.htm)>.

DANTICAT, Edwidge. *Breath, eyes, memory: a novel*. New York: Soho Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *The farming of bones: a novel*. New York: Soho Press, 1998.

\_\_\_\_\_. We are ugly, but we are here. In: HERNANDEZ, Jennifer Browdy de. *Women writing resistance: essays on Latin America and the Caribbean*. Cambridge, Massachusetts: South End Press, 2003.

DAVIS, Angela Y. As mulheres negras na construção de uma nova utopia (1). *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 210, mar./abr. 2004.

\_\_\_\_\_. *Blues legacies and black feminism: Gertrude "Ma" Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday*. New York: Pantheon Books, 1998.

\_\_\_\_\_. Women and capitalism: dialectics of oppression and liberation. In: JAMES, Joy; SHARPLEY-WHITING, T. Denean (Ed.). *The black feminist reader*. Malden: Blackwell Publishers, 2000.

\_\_\_\_\_. *Women, culture, politics*. New York: Vintage Books, 1990.

\_\_\_\_\_. *Women, race and class*. New York: Random House, 1981.

GEORGE, Susanna. Why intersectionality works. *Women's Movements*, [S.I.], n. 2, 2001. Disponível em: <[www.isiswomen.org/pub/wia/wiawcar/intersectionality.htm](http://www.isiswomen.org/pub/wia/wiawcar/intersectionality.htm)>.

GONZALEZ, Lelia. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lelia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.





Sônia Beatriz dos Santos

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília, DFANPOCS, 1983. (Ciências Hoje, 2)

\_\_\_\_\_. The black woman in Brazil. In: SAUNDERS, Tanya R.; MOORE, Carlos; MOORE, Shawna (Ed.). *African presence in the Americas*. Trenton: Africa World, 1995.

HAMILTON, Ruth S. Conceptualizing the African Diaspora. In: SAUNDERS, Tanya R.; MOORE, Carlos; MOORE, Shawna (Ed.). *African presence in the Americas*. Trenton: Africa World, 1995.

HERNANDEZ, Jennifer B. de. *Women writing resistance: essays on Latin America and the Caribbean*. Cambridge, Massachusetts: South End Press, 2003.

HETHERINGTON, Penelope. Women in South Africa: the historiography in english. *The International Journal of African History Studies*, Boston, v. 26, n. 2, p. 241-269, 1993.

HOOKS, Bell. *Ain't I a woman: black women feminism*. Boston: South End Press, 1981.

\_\_\_\_\_. Ending female sexual oppression. In: HOOKS, Bell; SHAPIRO, Ellen P. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

HOOKS, Bell et al. (Ed.). *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*. Traducción by Rocio Macho Ronco. [S.l.: s.n.], 2004.

JAMES, Joy. *Resisting state violence: radicalism, gender & race in U.S. culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Radicalizing feminism. In: \_\_\_\_\_. *The black feminist reader*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2000.

\_\_\_\_\_. *Shadowboxing: representations of black feminist politics*. New York: [s.n.], 1999.

\_\_\_\_\_. *Transcending the talented tenth: Black leaders and American intellectuals*. New York, 1997.

IFEKWUNIGWE, Jayne O. Diaspora's daughters, Africa's orphans?: on lineage, authenticity and 'mixed race' identity. In: MIRZA, Heidi Safia (Ed.). *Black British feminism: a reader*. London: Routledge, 1997.

IRACI, Nilza. 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe: a coisa ficou preta! São Paulo (Brasil), 9-12 de outubro de 2005. Anais... 2005a. Disponível: <[www.10feminista.org.br/pt-br/node/106](http://www.10feminista.org.br/pt-br/node/106)>.

\_\_\_\_\_. 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe: a coisa ficou preta! São Paulo (Brasil), 9-12 de outubro de 2005. Anais... 2005b. Disponível: <[www.10feminista.org.br/pt-br/node/82](http://www.10feminista.org.br/pt-br/node/82)>.

\_\_\_\_\_. *Você não é racista...certo?*. [S.l.]: Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), 2003.

KINCAID, Jamaica. A small place. In: HERNANDEZ, Jennifer Browdy de. *Women writing resistance: essays on Latin America and the Caribbean*. Cambridge, Massachusetts:



South End Press, 2003.

KING, Deborah. Multiple Jeopardy, multiple consciousness: the context of black feminist ideology signs. *Signs*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 42-72, 1988.

KING, G.; WILLIAMS, D. R. Race and health: a multi-dimensional approach to african american health. In: LEVINE, S et al. (Ed.). *Society & health*. New York: Oxford University Press, 1995.

LEMOS, Rosalia de O. Feminismo negro em construção: a organização do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

LORDE, Audre. I am your sister: black women organizing across sexualities. In: ANZALDUA, Gloria (Ed.). *Making face, making soul/haciendo caras: creative and critical perspectives by feminists of color*. San Francisco: Anna Lute, 1990.

MAIR, Lucille Mathurin. Women field workers in jamaica during slavery. In: RUSHING, Andrea Benton; TERBORG-PENN, Rosalyn (Ed.). *Women in Africa and the african diaspora*. Washington: Howard University Press, 1996.

MCCLAURIN, Irma. (Ed.). *Black feminist anthropology: theory, politics, praxis, and poetics*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2001.

MIKELL, Gwendolyn. *African feminism: the politics of survival in sub-Saharan Africa*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

MINDRY, Deborah. Nongovernmental organizations, 'grassroots,' and the politics of virtue. *Signs: journal of women in culture and society*, Chicago, v. 26, n. 4, p. 1187 – 1211, summer 2001. Globalization and Gender

MIRZA, Heidi S. (Ed.). *Black british feminism : a reader*. London: Routledge, 1997a.

\_\_\_\_\_. Black women in education: a collective movement for social change. In: \_\_\_\_\_. *Black british feminism: a reader*. London ; New York: Routledge, 1997b.

\_\_\_\_\_. Introduction: Mapping a genealogy of Black British feminism. In: *Black British feminism: a reader*. Edited by Heidi Safia Mirza. London: Routledge, 1997c.

MOHAMMED, Patricia. Towards indigenous feminist theorizing in the Caribbean. *Feminist Review*, London, n. 59, p. 6-33, summer 1998.

MOHANTY, Satya P. The epistemic status of cultural identity. In: MOHANTY, Satya. *Literary theory and the claims of history: postmodernism, objectivity, multicultural politics*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

NNAEMEKA, Obioma (Ed.). Mapping african feminisms. In: CORNWALL, Andrea (Ed.). *Readings in gender in Africa*. Bloomington: Indiana UP; Oxford: James Currey, 2005.

\_\_\_\_\_. Nego-feminism: theorizing, practicing, and pruning africa's way. *Signs: journal of women in culture and society*, Chicago, v. 29, n. 2, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sisterhood: feminisms & power: from Africa to the diaspora*. Trenton, NJ: Africa World Press, 1998.





Sônia Beatriz dos Santos

OBBO, Christine. What do women know? ... As I was saying!. In: VAZ, Kim Marie (Ed.). *Oral narrative research with black women*. California: SAGE, 1997.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. Introduction: Feminism, sisterhood, and other foreign relations. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *African women and feminism: reflecting on the politics of sisterhood*. Trenton, NJ: Africa World Press, 2003.

PARMAR, Pratibha. Other kinds of dreams. In: MIRZA, Heidi Safia (Ed.). *Black british feminism: a reader*. London: Routledge, 1997.

PATEL, Pragna. Third wave feminism and black women's activism. In: MIRZA, Heidi Safia (Ed.). *Black british feminism: a reader*. London: Routledge, 1997.

PERSRAM, Nalini. In my father's house are many mansions: the nation and postcolonial desire. In: MIRZA, Heidi Safia (Ed.). *Black british feminism: a reader*. London: Routledge, 1997.

PHOENIX, Ann. Theories of gender and black families. In: MIRZA, Heidi Safia (Ed.). *Black british feminism: a reader*. London: Routledge, 1997.

REDDOCK, Rhoda. Women's organizations and movements in the Commonwealth Caribbean: the response to global economic crisis in the 1980s. *Feminist Review*, London, n. 59, p. 57-73, summer 1998.

RUFINO, Alzira. Vocês não podem adiar mais os nossos sonhos. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 215-218, jan. 2002.

RUSHING, Andrea Benton; TERBORG-PENN, Rosalyn (Ed.). *Women in Africa and the african diaspora: a reader*. Washington: Howard University Press, 1996.

SANT'ANNA, Wania. Gênero, raça e identidade nacional: os sugestivos sentidos da aclimação aos trópicos. *Proposta*, Rio de Janeiro, ano 27, n. 76, mar./maio 1998.

SHAKUR, Assata. *Assata: an autobiography*. Westport, Connecticut: Lawrence Hill & Company, 1987.

SMITH, B. (Ed.). *Home girls: a black feminist anthropology*. New York: Kitchen Table Press, 1983.

SMITH, Barbara. *The truth that never hurts: writings on race, gender, and freedom*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.

SUDBURY, Julia. 'Other kinds of dreams': black women's organisations and the politics of transformation. New York: Routledge, 1998.

TERBORG-PENN, Rosalyn. Overview: women in the African Diaspora: an overview of an interdisciplinary research conference. In: RUSHING, Andrea Benton; TERBORG-PENN, Rosalyn (Ed.). *Women in Africa and the african diaspora: a reader*. Washington: Howard University Press, 1996.

XAVIER, Lúcia M. *Cotidiano de violência*. Relatório DHESC – Consejo Economico y Social, [S.I.], 2003.

\_\_\_\_\_. Superar o racismo também é um problema de saúde pública. *Saúde e Direitos Humanos*, [S.I.], ano 1, n. 1, 2004.



## GÊNERO

Feminismo negro diaspórico

WALKER, Alice. *In search of our mothers' gardens: womanist prose*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WERNECK, Jurema. Conhecimento, poder e gênero: o desafio das yalodês. Dissertação (Mestrado em Ciências em Engenharia de Produção)-COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora globalizada: notas sobre os afrodescendentes no Brasil e o início do século XXI*. Trabalho final do curso "A teoria crítica da cultura hoje: alguns caminhos possíveis", ministrado pelas professoras Heloisa Buarque de Hollanda e Beatriz Resende, na Escola de Comunicação – ECO da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003a.

\_\_\_\_\_. Editorial. *Articulação de Mulheres Negras (AMNB)*, [S.l.], 2003b. Apoio: UNIFEM.

\_\_\_\_\_. Ialodês et féministes: réflexions sur l'action politique des femmes noires en Amérique latine et aux Caraïbes = De Ialodês y feministas: reflexiones sobre el acción de las mujeres negras en America Latina y el Caribe. *Nouvelles Questions Féministes*, [S.l.], v. 24, n. 2, 2005. Edición especial en castellano.

WERNECK, Jurema; DACACH, Solange. Saúde da mulher negra: para gestores e profissionais de saúde. *Cadernos Criola*, [S.l.], v. 2, 2004.

YOUNG, Ann Venture. (Ed.). *The image of black women in twentieth-century South American poetry: a bilingual anthology*. Washington D.C.: Three Continents Press, 1987.

